

## **DESAFIOS E POSSIBILIDADES DA LEITURA NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO BÁSICA BRASILEIRA**

### **CHALLENGES AND POSSIBILITIES OF READING IN THE CONTEXT OF BASIC EDUCATION IN BRAZIL**

Thamyres Helena Mendes de Souza Alves<sup>1</sup>

Me. Geane Uliana Miranda<sup>2</sup>

**RESUMO:** A leitura é uma ferramenta capaz de favorecer mudanças no desenvolvimento humano, pois se trata de um recurso que não se limita a assimilação de conteúdos, mas também no fortalecimento emocional e social, estimulando a empatia, pensamento crítico e práticas de autocuidado, embora seu incentivo seja pouco valorizado. Deste modo, este trabalho de conclusão de curso tem por objetivo compreender os desafios e os benefícios da leitura no contexto escolar brasileiro, além de especificar os desafios enfrentados pelos estudantes para a adesão à leitura, compreender os benefícios da leitura para o fomento das competências socioemocionais, assim como entender seus benefícios para promoção de bem-estar no contexto escolar e possibilidades de intervenção do psicólogo. Através de uma revisão narrativa de literatura, os resultados evidenciaram dificuldades estruturais para a utilização da leitura. O ato de ler não depende apenas da vontade individual, mas das condições sociais, territoriais e institucionais que moldam tanto a relação dos estudantes com a leitura quanto às oportunidades educacionais às quais eles têm acesso, influenciada por contextos familiares, institucionais e territoriais. Foram analisados os benefícios da leitura tanto no fomento das competências socioemocionais quanto a sua utilização para a promoção de bem-estar e práticas como a biblioterapia como ferramenta de intervenção. Notou-se, ainda, que embora existam poucos materiais que abordem leitura e competências socioemocionais em conjunto, os temas são convergentes e teoricamente articuláveis. Conclui-se que a leitura constitui recurso promissor para a promoção de bem-estar e saúde mental na escola, mas permanece pouco explorada na psicologia, abrindo espaço para maiores estudos e pesquisas empíricas e institucionalização de tais práticas.

**Palavras-chave:** Leitura; Psicologia Escolar; Competências socioemocionais; Educação básica; Bem-estar.

**ABSTRACT:** Reading is a tool capable of fostering changes in human development, as it is a resource that is not limited to the assimilation of content, but also strengthens emotional and social skills, stimulating empathy, critical thinking, and self-care practices, although its encouragement is often undervalued. Therefore, this final course paper aims to understand the challenges and benefits of reading in the Brazilian school context, as well as to specify the challenges faced by students in engaging in

---

<sup>1</sup> UniSales – Centro Universitário Salesiano. Vitória/ES, Brasil. E-mail: thamyreshelena.psi@gmail.com

<sup>2</sup> UniSales – Centro Universitário Salesiano. Vitória/ES, Brasil. E-mail: Geane.miranda@souunisales.com.br

reading, understand the benefits of reading for fostering socio-emotional skills, and understand its benefits for promoting well-being in the school context, as well as possibilities for psychological intervention. Through a narrative literature review, the results revealed structural difficulties in the use of reading. The act of reading depends not only on individual will, but also on the social, territorial, and institutional conditions that shape both the students' relationship with reading and the educational opportunities to which they have access, influenced by family, institutional, and territorial contexts. The benefits of reading were analyzed, both in fostering socio-emotional skills and in promoting well-being, as well as practices such as bibliotherapy as an intervention tool. It was also noted that, although there are few materials that address reading and socio-emotional skills together, the themes are convergent and theoretically articulable. It is concluded that reading constitutes a promising resource for promoting well-being and mental health in schools, but remains underexplored in psychology, opening space for further studies and empirical research and the institutionalization of such practices.

**Keywords:** Reading; School Psychology; Socio-emotional skills; Basic education; Well-being.

## 1. INTRODUÇÃO

A leitura constitui um dos principais instrumentos de desenvolvimento humano, favorecendo processos cognitivos, emocionais e sociais que impactam diretamente a formação do sujeito. Trata-se de um elemento capaz de provocar transformações significativas tanto no modo de ser quanto no modo de pensar do indivíduo. Antunes (2009) aponta que a leitura é uma porta de entrada que vai além de seu papel da aquisição de conhecimento, podendo desempenhar função significativa no desenvolvimento emocional e social, sendo considerada uma prática que estimula a empatia, a reflexão crítica e o autocuidado. Quando é inserida de forma significativa, contribui para o desenvolvimento linguístico, cognitivo e emocional e social dos estudantes (BRASIL, 1998. PEDROSA; MOREIRA; ANDRADE, 2023). Kehl (2001), citada por Freire (2008), reforça que a leitura permite o reconhecimento de vulnerabilidades e promove a saúde emocional, dialogando com sentimento e projetos que estruturam a vida social, fortalecendo o pensamento crítico.

No contexto escolar, entretanto, o incentivo à leitura nem sempre é priorizado, o que gera impactos no desenvolvimento integral dos estudantes e pode comprometer tanto o desempenho acadêmico quanto aspectos relacionados à vida emocional e social (BRASIL, 1998). Nesse sentido, o ato de ler ainda enfrenta diversos desafios, como a falta de estímulos sistemáticos e a desvalorização cultural dessa prática. A 6ª edição da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil (2024) revelou uma perda de aproximadamente 7 milhões de leitores, evidenciando um cenário preocupante e que demanda maior atenção no âmbito educacional.

Nesse cenário, destaca-se a relevância da presença do psicólogo escolar para aplicação de intervenções através da leitura, utilizando-se de práticas como a biblioterapia e clubes de leitura. A Lei nº 13.935/2019, que regulamenta a inserção dos profissionais de psicologia e serviço social na educação básica, reforça a

necessidade de ações que ampliem o apoio aos estudantes, considerando a saúde mental e o fortalecimento das práticas educativas. Assim, o psicólogo pode atuar não apenas na escuta e intervenção clínica, mas também na promoção de estratégias pedagógicas que valorizem a leitura como recurso psicopedagógico. Diante disso, este trabalho busca compreender os desafios e os benefícios da leitura no contexto escolar brasileiro. Nesse sentido, os objetivos específicos são: especificar os desafios enfrentados pelos estudantes brasileiros para a adesão à leitura; compreender os benefícios da leitura para o fomento das competências socioemocionais; e entender os benefícios da leitura para promoção de bem-estar no contexto escolar e possibilidades de intervenção do psicólogo.

## **2. METODOLOGIA**

Esta pesquisa caracteriza-se como um estudo bibliográfico de revisão narrativa da literatura, de abordagem qualitativa, natureza básica e objetivo exploratório. A pesquisa bibliográfica tem como propósito reunir, analisar e discutir contribuições teóricas já existentes, especialmente artigos científicos e livros, sendo sua vantagem a possibilidade de investigar fenômenos de forma mais ampla do que em pesquisas diretas (GIL, 2008). Segundo Rother (2007), a revisão narrativa caracteriza-se pela análise da literatura disponível em livros, artigos científicos impressos ou eletrônicos, conduzida a partir da interpretação e reflexão crítica do pesquisador. Nesse tipo de revisão, a seleção dos materiais não segue protocolos rígidos, estando sujeita a certo grau de subjetividade e pertinência em relação ao objeto de estudo.

Na mesma direção, Cordeiro et al (2007) corroboram Rother (2007) ao destacar que a revisão narrativa é marcada pela influência da percepção subjetiva do pesquisador. Diferentemente de revisões sistemáticas, ela raramente parte de uma questão previamente delimitada, abordando temas mais abertos e exploratórios. Ademais, não requer um protocolo metodológico rígido para sua elaboração, o que permite maior liberdade interpretativa e flexibilidade na seleção das fontes, que não é pré-determinada nem estritamente definida.

Complementarmente, Ahmad (2025) ressalta que a revisão narrativa possui grande relevância para a identificação de tendências, lacunas e tópicos emergentes na literatura, proporcionando um contexto mais amplo e integrador para a análise de diferentes disciplinas e permitindo uma compreensão mais aprofundada de questões complexas. Por sua natureza flexível e qualitativa, a revisão narrativa favorece a exploração de teorias e modelos conceituais, podendo gerar novas hipóteses e direções de pesquisa a partir da análise crítica dos achados. Além disso, Ahmad (2025) enfatiza que a seleção criteriosa das obras analisadas é fundamental para assegurar o respeito e a abrangência ao tema escolhido.

Essa abordagem se mostra adequada ao presente trabalho, pois possibilita a análise de múltiplas perspectivas sobre a leitura, seus desafios, benefícios e potencialidades no contexto da educação básica brasileira. O estudo concentra-se em produções que discutam o papel da leitura como instrumento de aprendizagem, formação socioemocional, considerando tanto suas aplicações quanto às barreiras à adesão

por parte dos estudantes. Dessa forma, foram selecionados, para análise qualitativa a legislação nº 13.935 de 2019, 3 produções do Ministério da Educação, 8 livros, 1 trabalho de conclusão de curso, 1 dissertação de mestrado, 2 pesquisas e 17 artigos que abordam a prática da leitura, possibilidades e benefícios socioemocionais, bem como os desafios estruturais e contextuais enfrentados no sistema educacional brasileiro. Essa análise permite compreender de forma aprofundada as dimensões teóricas e práticas do tema, oferecendo subsídios para refletir sobre estratégias de intervenção e fomento da leitura nas escolas.

Os materiais selecionados serão discutidos no tópico de resultados e discussão, permitindo analisar de forma crítica e integrativa as contribuições teóricas sobre os desafios e benefícios da leitura na educação básica. Assim sendo, o estudo propicia uma compreensão aprofundada das práticas e conceitos relacionados à leitura enquanto ferramenta de ensino e intervenção, bem como seu impacto no bem-estar e desenvolvimento socioemocional dos estudantes.

### **3. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

#### **3.1 OS DESAFIOS PARA A ADESÃO À LEITURA PELOS ESTUDANTES NO BRASIL**

Os desafios para a adesão à leitura na educação básica brasileira envolvem dimensões estruturais, socioculturais e pedagógicas, moldando um cenário desigual que impede o desenvolvimento de leitores críticos e engajados. A leitura, embora reconhecida como ferramenta para o desenvolvimento cognitivo, emocional e social, não se efetiva de maneira uniforme entre diferentes grupos e territórios. As desigualdades socioeconômicas, as condições institucionais das escolas, o acesso limitado a materiais e espaços adequados, além das práticas pedagógicas frequentemente reduzidas a abordagens instrumentais, compõem um cenário que dificulta a formação de leitores críticos e engajados.

Um dos entraves à promoção da leitura na educação básica brasileira está nas desigualdades estruturais que atravessam o sistema educacional, expressas por Libâneo (2012) como o “dualismo perverso” da escola pública. Trata-se da existência de uma escola voltada para o conhecimento, destinada às camadas sociais mais favorecidas, e outra voltada para o acolhimento social, reservada aos pobres. Essa lógica pode ser observada nas diferenças entre escolas públicas, dependendo do bairro em que estão inseridas e do nível econômico da comunidade local, o que contribui para disparidades significativas na qualidade do ensino e no acesso à leitura, que corrobora com o exposto por Alves e Soares (2007), de que em sociedades desiguais, como a brasileira, o nível esperado de aprendizagem varia de acordo com o nível socioeconômico das famílias.

Embora o sistema escolar não seja capaz, por si só, de romper com essas determinações sociais, as escolas apresentam diferentes níveis de eficácia, podendo alcançar resultados melhores do que o previsto pelas condições sociais de seus alunos. Moraes, Menezes e Dias (2019), acrescentam que, quando avaliados os valores do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB), obtém-se que quanto melhor o contexto socioeconômico de onde a escola está inserida, melhor

seria o seu desempenho. Essa lógica desigual também se evidencia na comparação entre escolas privadas e públicas, pois enquanto as instituições privadas investem em infraestrutura e formação docente para prestígio, muitas públicas focam em cumprir legislações mínimas, garantindo acesso, mas não dimensões formativas críticas. Nesse contexto, o psicólogo escolar deve considerar essas variáveis para intervenções que promovam inclusão, como observado por Moraes, Menezes e Dias (2019).

Essa lógica, amplamente difundida pelas reformas educacionais influenciadas por organismos internacionais desde a década de 1980, promove uma visão de educação centrada em necessidades mínimas de aprendizagem e em práticas assistencialistas, esvaziando o conteúdo formativo e crítico da escola (LIBÂNEO, 2012). Como consequência, crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade acabam sendo escolarizados em instituições que priorizam a socialização e o controle social em detrimento da formação cognitiva, científica e cultural. Observa-se, portanto, que, embora os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) destaquem a função da escola como promotora de cidadania, valorizando as culturas locais e o acesso ampliado ao patrimônio cultural coletivo, respeitando origens e trajetórias, nem sempre essas diretrizes são efetivamente aplicadas de forma equitativa, resultando em desigualdades no acesso aos saberes socialmente relevantes (BRASIL, 1997).

Além das desigualdades estruturais, outro desafio significativo para a adesão à leitura refere-se aos baixos índices de letramento funcional e à prática limitada da leitura. Martins e Spechela (2012) destacam que a alfabetização é o processo de aprender a ler e escrever, desenvolvendo habilidades para reconhecer e utilizar o sistema da linguagem escrita, enquanto o letramento envolve a capacidade de aplicar a leitura e a escrita em situações reais da vida cotidiana. O desenvolvimento dessas competências depende de práticas pedagógicas significativas e de um ambiente escolar e familiar que estimule o interesse pela leitura.

O Indicador Nacional de Alfabetismo Funcional (INAF, 2024), aponta dados de que cerca de 40 milhões de jovens e adultos (aproximadamente 29% da população) são considerados analfabetos funcionais, ou seja, reconhecem letras e números, mas não conseguem interpretar ou aplicar informações de textos de forma prática. Essa realidade aponta falhas no processo educacional em assegurar uma aprendizagem significativa, além de evidenciar a influência de fatores estruturais, como o acesso desigual a materiais de qualidade e as condições socioeconômicas. Complementarmente, a 6ª edição da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil (2024) revela que 53% da população é considerada não leitora. Fernandes e Oliveira (2023) enfatizam que a necessidade de ler desde a infância surge quando a criança vivencia experiências significativas, capazes de gerar desejo de conhecer e de praticar o que observa nos adultos. Quando a prática da leitura é pouco estimulada, tanto em casa quanto na escola, torna-se difícil esperar que crianças desenvolvam interesse pelos livros, sobretudo em contextos nos quais não há modelos leitores próximos (MARQUES; SILVA; CUNHA, 2025; ZACARIAS; PASSOS, 2017).

Ao longo da escolarização, essa dimensão simbólica e afetiva da leitura se perde, evoluindo de uma prática lúdica na infância para uma abordagem instrumental no ensino médio (MARQUES; SILVA; CUNHA, 2025). Embora a leitura seja inicialmente valorizada na educação infantil, as crianças costumam ter pouco acesso aos livros, sob a justificativa de que podem danificá-los, especialmente em materiais públicos. Nos primeiros anos, a leitura ainda está associada ao prazer e à ludicidade, permitindo que a criança explore a imaginação antes de assumir o papel formal de aluno. A partir das etapas IV e V da educação infantil e dos anos iniciais do ensino fundamental, entretanto, a leitura passa a ser utilizada principalmente como instrumento para ensinar gramática, estudar personagens ou realizar atividades, esvaziando seu potencial simbólico e afetivo. Entre seis e oito anos de idade, com o aumento das cobranças de leitura e escrita, elementos visuais e lúdicos, como os desenhos, perdem espaço, e o aluno passa a ser mais avaliado por sua capacidade de decodificação do que por sua experiência de leitura (MARQUES; SILVA; CUNHA, 2025).

No ensino médio, essa lógica se intensifica, com foco na preparação para vestibulares, provas de redação e questionários escolares. Segundo os autores, a desmotivação de muitos jovens e adultos em relação à leitura está ligada à forma como essa prática foi imposta durante a formação escolar, frequentemente sem intencionalidade criativa ou prazerosa, e com ênfase apenas em tarefas avaliativas. Além disso, a literatura infantil no Brasil tem sido usada como ferramenta de transmissão de valores morais e ideológicos, deixando de lado seu potencial estético e de expressão de subjetividades. Assim, observa-se que a própria construção histórica da infância e a organização escolar contribuem para transformar a leitura em um ato funcional e instrumental, em vez de uma prática prazerosa e significativa (ARIÈS, 1986).

Além disso, há também a desigualdade estrutural que influencia na relação dos estudantes com a leitura, expressa pela ausência de espaços físicos adequados, como as bibliotecas escolares, elemento fundamental para o desenvolvimento de uma cultura leitora e de projetos psicopedagógicos consistentes. Um levantamento realizado pela Associação dos Membros dos Tribunais de Contas do Brasil (ATRICON), com base no Censo Escolar de 2022, revela que apenas 31% das escolas públicas brasileiras possuem bibliotecas. Quando se considera exclusivamente a educação infantil, esse índice cai para 18% das unidades. A análise por rede de ensino evidencia discrepâncias significativas: apenas 23% das escolas municipais dispõem desse espaço, em contraste com 61% das estaduais e 98% das federais. Esses números demonstram que, embora o discurso e as políticas educacionais defendam a universalização do acesso ao ensino e à cultura, menos de um terço das escolas públicas conta com bibliotecas, o que configura um obstáculo estrutural à promoção da leitura e à formação leitora. Além disso, observam-se desigualdades regionais expressivas, sendo a região Sudeste a que apresenta o maior percentual de escolas com bibliotecas (56%), enquanto o Sul registra o menor (36%).

Observa-se, no contexto brasileiro, uma falta quanto à disponibilidade de acessos a livros. Para além da presença física de bibliotecas nas escolas, é necessário considerar também a existência de bibliotecários, cuja presença equivale a apenas 45% das unidades, segundo dados da ATRICON (2022). De maneira que se entende que a ausência desses profissionais, ligada à escassez de acervos e de materiais adequados, compromete de forma significativa o potencial transformador da leitura, sobretudo em contextos de vulnerabilidade social. Para mitigar isso, recomenda-se investimento em bibliotecas como espaços de intervenção psicopedagógica, alinhados à Lei nº 13.935/2019.

Dessa forma, percebe-se que os desafios à adesão à leitura pelos estudantes da educação básica brasileira não podem ser analisados isoladamente. As desigualdades estruturais, evidenciadas pelo “dualismo perverso” das escolas e pelas disparidades entre bairros e níveis socioeconômicos, comprometem o acesso a repertórios culturais e recursos de aprendizagem. Além disso, a leitura é frequentemente reduzida a funções instrumentais e avaliativas, desconsiderando seu potencial simbólico, afetivo e crítico. Essa combinação de fatores contribui para baixos índices de letramento

### 3.2 OS BENEFÍCIOS DA LEITURA NO FOMENTO DAS COMPETÊNCIAS SOCIOEMOCIONAIS

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018) propõe que a formação integral dos estudantes envolve o desenvolvimento cognitivo, social e emocional, reconhecendo que o aprendizado vai além da aquisição de conteúdos acadêmicos. Entre as 10 competências gerais que estruturam o documento, destaca-se a importância do autoconhecimento, da empatia, da responsabilidade, da cooperação e da tomada de decisões conscientes, aspectos que se relacionam diretamente ao desenvolvimento das chamadas competências socioemocionais. Essas competências dizem respeito à capacidade do indivíduo mobilizar conhecimentos, habilidades, atitudes e valores para compreender e gerir suas emoções, construir relações saudáveis e agir eticamente em sociedade. Embora o documento reconheça a importância dessas dimensões na formação integral, na prática, entende-se que muitas escolas ainda enfrentam dificuldades para concretizá-la, devido à ênfase em resultados cognitivos e avaliativos que refletem o nível de conhecimento dos alunos e a qualidade da escola em escalas educacionais.

Nesse sentido, aproximar a BNCC das contribuições da Psicologia do Desenvolvimento permite compreender um pouco mais sobre a lacuna entre teoria e prática. Para a Psicologia, especialmente nas teorias de Vygotsky (1991) e Wallon (1968), a formação integral depende da articulação entre emoção, pensamento e linguagem. Vygotsky (1991) defende que o desenvolvimento humano ocorre mediado pela cultura e pela linguagem, ou seja, o sujeito se constitui simbolicamente por meio do contato com signos, narrativas e significados compartilhados. Wallon (1968), por sua vez, ressalta a indissociabilidade entre emoção e cognição, afirmando que o processo educativo deve integrar o sentir e o pensar, promovendo um desenvolvimento global. Ao relacionar essas perspectivas ao que a BNCC propõe, evidencia-se que práticas escolares fragmentadas, que tratam a dimensão emocional

como secundária, limitam o próprio potencial formativo previsto no documento. Assim, reconhecer esse diálogo entre BNCC e a Psicologia permite compreender a leitura não apenas como ferramenta pedagógica, mas como um meio de desenvolvimento humano integral quando utilizada de maneira intencional e sensível às experiências dos estudantes.

Dessa forma, a leitura surge como uma atividade simbólica privilegiada, capaz de articular emoção e razão, reflexão e imaginação. Maracaípe, Queiroz e Anderi (2020) compreendem a leitura como um conceito que transcende a simples decodificação de palavras. Em sua etimologia, o termo “ler”, do latim *legere*, “colher” ou “escolher”, já sugere um ato ativo e intencional, de busca e atribuição de sentido. Assim, ler é “colher com os olhos” e interpretar o mundo, configurando-se como um processo cognitivo, afetivo e social. Essa concepção dialoga com a perspectiva freireana, segundo a qual diz que “ler o mundo precede ler a palavra” (FREIRE, 1989), indicando que toda leitura é também um ato de compreensão da realidade e de construção de consciência crítica. No entanto, essa concepção ampliada da leitura ainda é pouco valorizada em contextos escolares marcados por práticas mecanizadas e avaliações quantitativas. A leitura, muitas vezes, é reduzida a um exercício técnico, o que enfraquece seu potencial simbólico e formativo, distanciando também os alunos dos livros e da leitura por prazer.

Ao ser inserida de maneira significativa no contexto escolar, a leitura contribui para o desenvolvimento como um todo dos estudantes, pois favorece habilidades linguísticas, cognitivas e emocionais (BRASIL, 1998). Ela permite que crianças e adolescentes se reconheçam nas experiências de personagens, reflitam sobre conflitos humanos e compreendam a diversidade de perspectivas culturais e sociais. Desse modo, a leitura torna-se um espaço simbólico de escuta e diálogo, em que o sujeito pode se confrontar com diferentes modos de pensar e sentir, desenvolvendo empatia e consciência ética. Para Antunes (2009), a leitura propicia o diálogo com os sentimentos e os projetos humanos que movem a história, ampliando o pensamento crítico e reflexivo. Essa vivência literária, mediada pela imaginação, atua sobre a subjetividade, estimulando a autorreflexão e a capacidade de interpretar as próprias emoções e as dos outros, habilidades centrais às competências socioemocionais de autoconhecimento e consciência social.

Nessa mesma direção, Freire e Lourenção (2024), inspirados nas reflexões do neurocientista Michel Desmurget, evidencia que a leitura por prazer tem impactos expressivos sobre o desenvolvimento cognitivo e emocional. A imersão em narrativas estimula a criatividade, o pensamento crítico e a autorregulação emocional, além de fortalecer a empatia e a tomada de decisão ética. Quando o estudante se identifica com um personagem, ele vivencia de maneira simbólica situações complexas e aprende a lidar com emoções como medo, raiva, culpa e compaixão, o que contribui para a formação de um repertório emocional mais elaborado.

Contudo, como alertam Marques, Silva e Cunha (2025), a escola brasileira ainda enfrenta dificuldades para concretizar essa dimensão emancipadora da leitura. Muitas práticas escolares reduzem a leitura à decodificação de textos ou à interpretação

literal, esvaziando seu potencial crítico, simbólico e emocional. Nesse contexto, o papel do educador, e também do psicólogo escolar, é fundamental para ressignificar a leitura como prática dialógica e humanizadora, capaz de integrar o desenvolvimento intelectual e socioemocional dos alunos. As competências socioemocionais descritas pela BNCC dialogam diretamente com esse potencial formativo da leitura. Inspiradas no modelo proposto pela organização Collaborative for Academic, Social and Emotional Learning (CASEL), essas competências são organizadas em cinco dimensões principais: autoconhecimento, autorregulação, consciência social, habilidades de relacionamento e tomada de decisão responsável (CARNEIRO; PINHO, 2025).

Cada uma das cinco competências socioemocionais pode ser potencializada pela leitura. O autoconhecimento ajuda os indivíduos a reconhecerem suas próprias emoções e compreenderem como elas influenciam seus comportamentos, permitindo o desenvolvimento de autoestima e clareza sobre seus objetivos pessoais. O autogerenciamento ou autorregulação envolve a capacidade de lidar com emoções, controlar impulsos e manter a disciplina para alcançar metas, promovendo resiliência e motivação (CARNEIRO; PINHO, 2025). Entende-se que a leitura literária, ao propor contato com diferentes realidades e dilemas humanos, pode servir como um espelho para o autoconhecimento e a regulação emocional. Contudo, esse potencial só se concretiza quando há uma mediação intencional do educador e espaço de escuta para que os alunos expressem suas interpretações e sentimentos, elementos nem sempre presentes nas práticas escolares atuais. A partir desse aprendizado na escola, ele pode ser estendido à própria casa ou a contextos individuais, onde o aluno terá a sensibilidade de se perceber por já ter praticado isso antes.

A consciência social, por sua vez, está relacionada à empatia e ao respeito à diversidade, elementos que a leitura estimula ao expor o leitor a diferentes contextos humanos e culturais. As habilidades de relacionamento incluem comunicação eficaz, escuta ativa, gestão de conflitos e cooperação, competências constantemente exercitadas quando o estudante compartilha interpretações e reflexões sobre textos literários. Por fim, a tomada de decisão responsável refere-se à capacidade de fazer escolhas éticas e conscientes, avaliando as consequências de suas ações para si e para os outros, aspecto que também pode ser desenvolvido pela análise crítica de narrativas e dilemas morais presentes na literatura (CARNEIRO; PINHO, 2025).

O psicólogo José Célio Freire (2008) observa que obras literárias de qualidade permitem ao leitor vivenciar múltiplos níveis da experiência humana, físicos, afetivos, espirituais e simbólicos, estimulando a imaginação e a reflexão crítica. Já Larrosa (1998) interpreta a leitura como um processo de transformação subjetiva, que rompe estruturas rígidas e ressignifica o modo de ser do leitor. A leitura, portanto, não apenas informa, mas forma, modificando o sujeito e seu modo de se relacionar com o mundo.

Nesse sentido, compreende-se que a leitura pode ser uma grande mediadora no desenvolvimento das competências socioemocionais, pois articula pensamento, emoção e linguagem em um mesmo processo formativo. Ler é refletir, sentir e compreender o outro; é exercitar empatia, autorregulação e consciência ética; é

aprender a escutar e se expressar com sensibilidade e discernimento. Assim, a leitura consolida-se como um recurso pedagógico e psicológico fundamental para a formação socioemocional dos estudantes. No entanto, para que esse potencial se concretize, é necessário que as instituições educacionais compreendam a leitura não apenas como uma habilidade técnica, mas como uma experiência de construção de sentido, escuta e diálogo. Assim, a leitura torna-se, de fato, um instrumento de transformação individual e coletiva, condição essencial para uma educação integral, ética e humanizadora, como dialogado pela BNCC (2018).

### 3.3 OS BENEFÍCIOS DA LEITURA PARA PROMOÇÃO DE BEM-ESTAR NO CONTEXTO ESCOLAR

Segundo a Política Nacional de Promoção da Saúde (PNSP, 2018), a promoção da saúde deve considerar a autonomia e a singularidade dos sujeitos, reconhecendo que as formas de viver, organizar-se e buscar satisfação não dependem apenas da vontade individual, mas também das condições sociais, econômicas, políticas e culturais em que cada pessoa está inserida. Nesse sentido, entende-se que cabe ao psicólogo escolar compreender essas múltiplas dimensões ao olhar para os estudantes, desenvolvendo uma escuta atenta e empática que acolha suas realidades e, ao mesmo tempo, contribua para favorecer diálogos e reflexões significativas (PEDROSA; MOREIRA; ANDRADE, 2023).

A leitura é capaz de ultrapassar o campo do aprendizado formal e ser compreendida como um recurso promotor de saúde e bem-estar, adentrando o domínio do cuidado emocional e do desenvolvimento subjetivo. Mais do que um instrumento de aquisição de conhecimento ou competências socioemocionais, observa-se que a leitura atua também como mediadora de experiências internas, possibilitando ao estudante refletir, elaborar sentimento e ressignificar vivências, o que contribui diretamente para o equilíbrio emocional e a qualidade de vida. Nesse sentido, a leitura pode ser considerada uma forma de intervenção psicossocial e educativa, especialmente no contexto escolar, onde as demandas emocionais e cognitivas se entrelaçam de forma contínua e intensa no dia a dia escolar (ABREU; HENRIQUE; ZULUETA, 2013).

Nessa perspectiva, a leitura não é apenas um processo de recepção de informações, mas uma coprodução entre texto e leitor, como observa Barthes (2009). O leitor traz seu repertório emocional, sua história e seu modo de ver o mundo, que se entrelaçam com os sentidos do texto, gerando um processo de criação subjetiva. O ato de ler, portanto, constitui-se como um encontro simbólico entre realidade interna e realidade externa, no qual emergem reflexões, emoções e possibilidades de transformação pessoal. Essa dimensão ativa e criadora da leitura é o que a torna um instrumento privilegiado no campo psicológico, especialmente nas práticas que visam o fortalecimento da saúde mental e do bem-estar (MARTINS et al, 2024).

Kehl (2001 apud FREIRE, 2008) também contribui para essa compreensão ao afirmar que a literatura moderna dá voz às fragilidades humanas, permitindo ao leitor reconhecer suas próprias vulnerabilidades e exercitar o autocuidado. O contato com narrativas literárias possibilita compreender limites, desejos e sentimentos, fortalecendo a subjetividade e promovendo saúde emocional. A leitura, assim, atua

como agente de elaboração psíquica, pois oferece um espaço simbólico para lidar com emoções, elaborar conflitos e desenvolver resiliência. Freire (2008, p. 8) reforça essa ideia ao afirmar que “após a leitura de um grande livro, não podemos imaginar sermos ainda quem éramos. Ele nos toca em nossa abertura ao mundo e ao outro”, evidenciando o poder transformador da leitura sobre o sujeito.

Pedrosa, Moreira e Andrade (2023) destacam que os benefícios da leitura se estendem para além do campo cognitivo, alcançando diferentes dimensões da vida humana. Por meio da leitura, o indivíduo tem a oportunidade de entrar em contato com experiências emocionais e sociais de maneira segura, ampliando sua compreensão sobre a realidade e sobre si mesmo. Essa prática possibilita o acesso a contextos históricos e culturais distintos, permitindo que o leitor conheça modos de vida, valores e perspectivas de outras épocas e lugares, sem precisar vivenciar concretamente tais situações. Além de favorecer o desenvolvimento pessoal e profissional, o hábito de ler estimula a flexibilidade cognitiva e emocional, aprimorando a capacidade de resolver problemas complexos e de lidar com mudanças.

No campo emocional, a leitura também exerce uma função restauradora e de alívio do estresse, especialmente quando praticada de forma recreativa. No caso das crianças, as experiências indiretas proporcionadas pelos textos literários permitem o contato com emoções diversas, oferecendo um espaço simbólico para experimentação segura de sentimentos. O ato de ler estimula ainda a criatividade e a imaginação, habilidades importantes para o desenvolvimento infantil, além de envolver um contato sensorial com o livro, que, como objeto, apresenta forma, textura e cores capazes de despertar curiosidade e prazer estético (PEDROSA; MOREIRA; ANDRADE, 2023).

Assim, compreender a leitura como promotora de saúde e bem-estar é reconhecer seu potencial de integrar educação, subjetividade e cuidado psicológico, ampliando as possibilidades de intervenção do psicólogo no espaço escolar. Ao criar conexões entre a palavra e a emoção, entre o texto e a vida, a leitura se afirma como prática terapêutica e humanizadora, que fortalece o autoconhecimento, a empatia e o equilíbrio psíquico, pilares para a promoção de saúde mental e à formação integral do sujeito. Dessa forma, a atuação do psicólogo escolar, ao utilizar-se dos livros como ferramenta de intervenção, deve pautar-se pela sensibilidade e pela escuta das demandas subjetivas que emergem entre os alunos. É essencial que a escolha dos textos vá além do interesse pedagógico e contemple os temas e emoções que fazem parte da vivência dos estudantes, reconhecendo-os como protagonistas ativos no processo de construção de sentido. A leitura, nesse contexto, pode servir como ferramenta de acolhimento, reflexão e cuidado emocional, favorecendo o diálogo sobre questões humanas, sociais e existenciais que atravessam a experiência escolar (PEDROSA; MOREIRA; ANDRADE, 2023).

De acordo com Abreu, Henrique e Zulueta (2013), a leitura, seja de livros de ficção, autoajuda ou de natureza reflexiva, pode proporcionar uma experiência restauradora e favorecer o desenvolvimento contínuo ao longo das fases da vida. As autoras destacam a biblioterapia como uma prática estruturada nesse sentido, em que o ato

de ler, individualmente ou em grupo, é utilizado com propósitos terapêuticos e educativos, promovendo autoconhecimento, expressão emocional e reconstrução simbólica da experiência. Conforme ressaltam as autoras, “a leitura tem o propósito de facultar uma experiência recobrada da saúde, ou permitir um contínuo desenvolvimento, em qualquer idade do ciclo vital” (ABREU; HENRIQUE; ZULUETA, 2013, p. 96).

Segundo Mendes (2008), a biblioterapia é fundamentada em três componentes: leitura (individual ou em grupo), interpretação e diálogo. Durante a leitura, ocorre a identificação do leitor com o tema do texto e com os personagens, permitindo a experimentação dos sentimentos. Na etapa de interpretação, o indivíduo reflete sobre o que foi lido e estabelece conexões com suas próprias vivências. Por fim, no diálogo, o leitor expressa suas reflexões e aprendizados, favorecendo o alcance do objetivo final da biblioterapia que é a mudança de comportamentos e pensamentos (ABREU; HENRIQUES; ZULUETA, 2013). Os autores também sugerem a utilização de atividades de aprofundamento e reflexão, que estimulem o aplicador da biblioterapia a observar expressões faciais, gestos, movimentos corporais e falas dos participantes, elementos que revelam aspectos emocionais do processo. Nesse sentido, o psicólogo é compreendido como o profissional mais capacitado para realizar essa escuta ampliada, por reunir sensibilidade e formação voltadas à compreensão integral do ser humano.

Azevedo (2025) reforça que a leitura terapêutica, quando aplicada no contexto escolar, estimula a interpretação textual e favorece a expressão de sentimentos, além de ser um espaço para elaboração emocional, empatia e autoconhecimento. A autora identifica duas vertentes da biblioterapia: a clínica, conduzida por profissionais da saúde, como psicólogos; e a do desenvolvimento, realizada por educadores e bibliotecários. Ambas utilizam textos literários, como contos, romances e poesias, com o objetivo de promover a identificação do leitor com narrativas que refletem suas emoções e experiências (AZEVEDO, 2025). Entretanto, embora essas duas vertentes compartilhem do mesmo material, possuem objetivos diferentes a serem desenvolvidos. Quando feita por profissionais da saúde, a leitura se constitui mais do que uma prática de aprendizagem, mas como uma prática relacional, que exige escuta ativa, planejamento e compreensão das singularidades dos sujeitos envolvidos, neste caso, os estudantes.

Os benefícios terapêuticos da leitura na biblioterapia são atribuídos à contribuição para a redução de resistências em processos terapêuticos, a elaboração de novas respostas emocionais e o desenvolvimento de autonomia e postura ativa diante da vida (ABREU; HENRIQUE; ZULUETA, 2013). No contexto educacional e psicológico, tais benefícios se traduzem em maior capacidade de autorreflexão, empatia e enfrentamento de situações de sofrimento emocional. Contudo, conforme Pardeck (1998), é fundamental que a seleção dos textos seja feita de maneira cuidadosa e ética, levando em consideração o perfil, o momento e as necessidades emocionais de cada leitor. A identificação entre o sujeito e a narrativa é um elemento central para que a leitura cumpra seu papel terapêutico e simbólico.

Também se observa a leitura sendo aplicada para além da utilização formal de biblioterapia, com a prática de clubes de leitura, defendidos por Martins et al. (2024) como locais de troca intelectual e social. Sua dinâmica tem o potencial de promover o fortalecimento de laços sociais e um ambiente de apoio emocional mútuo, principalmente em contextos de crise, como foi a pandemia da COVID-19. Os autores também destacam que a leitura em grupo estimula o pensamento crítico, o desenvolvimento cognitivo e a troca de experiências entre diferentes idades. Além disso, oferece um ambiente acolhedor e acessível ao reunir diversidade de perfis de leitores. A interação social e o amparo mútuo inerentes a esses grupos funcionam como fatores de proteção à saúde mental, ajudando a combater sentimentos de solidão e isolamento. A mediação do psicólogo também em clubes de leitura favorece o acolhimento de diferentes sentimentos que emergem no compartilhamento de cada experiência leitora. Ao ajustar as atividades e as seleções literárias às demandas subjetivas dos jovens, o profissional potencializa os benefícios dos clubes como instrumentos de suporte emocional e desenvolvimento humano (MARTINS et al., 2024).

Considerando esse cenário, é necessário problematizar as condições institucionais e formativas para que o trabalho com os livros ocorra de forma ética e efetiva nas escolas. Muitas instituições enfrentam sobrecarga de demandas, ausência de espaços de escuta e escassez de profissionais capacitados para conduzir práticas de leitura com intencionalidade psicoterapêutica. Embora haja benefícios atrelados à biblioterapia e aos clubes de leitura, sua implementação exige planejamento, estrutura e compromisso interdisciplinar entre psicólogos e educadores. Nesse processo, o trabalho conjunto é essencial tanto na avaliação das demandas quanto na construção de intervenções e projetos. As intervenções conduzidas pelo psicólogo no ambiente escolar ganham maior destaque quando são acolhidas pelo corpo docente e integradas ao projeto pedagógico da instituição. O papel do psicólogo escolar, portanto, é resguardar o caráter formativo e simbólico da leitura, evitando reducionismos e promovendo experiências que fortaleçam a autonomia emocional e o bem-estar subjetivo dos estudantes.

Por mais que se priorize, no presente trabalho, a atuação do psicólogo no contexto escolar, a ausência de bibliotecas também dificulta possíveis intervenções da psicologia mediadas pela leitura, pois elas seriam a fonte dos livros a serem utilizados, principalmente em contextos vulneráveis. Quando trabalhada de forma intencional, a leitura poderia atuar como instrumento de escuta e de expressão simbólica, fortalecendo vínculos, promovendo a reflexão e o autoconhecimento dos estudantes. Contudo, sem estrutura física e humana, essas iniciativas ficam restritas a projetos pontuais ou a esforços individuais de profissionais comprometidos, o que evidencia a necessidade de políticas públicas integradas entre educação e saúde mental. Entende-se que essa realidade revela uma contradição recorrente nas políticas educacionais brasileiras, pois ao mesmo tempo em que se reconhece a importância da leitura para o desenvolvimento integral, pouco se investe em condições materiais e humanas para sua efetivação. A promoção da leitura, portanto, não depende apenas de iniciativas pedagógicas, mas de uma política pública integrada que assegure

acesso, continuidade e mediação qualificada, indispensáveis para que práticas como a biblioterapia cumpram seu potencial.

Por fim, é preciso compreender que a leitura, em sua dimensão mais profunda, ultrapassa a função instrumental ou pedagógica, tornando-se um meio de encontro com o humano em sua complexidade. Como afirma Freire (2008), a boa leitura é aquela que revela o humano em suas variadas formas, claras ou obscuras, serenas ou inquietas, permitindo o contato com o mutável, o inesperado e o inédito que constituem a existência. Especialmente no contexto escolar, é essencial a compreensão de que ler é também acolher a pluralidade da experiência humana, compreendendo o sujeito em suas contradições, afetos e possibilidades de transformação.

Ainda que práticas como a biblioterapia e os clubes de leitura apresentem benefícios relevantes para a promoção do bem-estar e o fortalecimento emocional dos estudantes, é fundamental reconhecer que, quando se trata de saúde mental, nenhuma intervenção deve ser utilizada de forma isolada. A leitura, por si só, não substitui o acompanhamento psicológico, mas pode atuar como um recurso complementar dentro de um planejamento mais amplo de ações psicopedagógicas e institucionais. Para que seus efeitos sejam realmente significativos, é preciso que o psicólogo escolar, em parceria com a equipe pedagógica, desenvolva estratégias integradas, nas quais a biblioterapia esteja articulada a outras práticas de escuta, acolhimento e desenvolvimento socioemocional.

Ademais, é importante reconhecer que, no contexto escolar brasileiro, a aplicação dessa prática requer mediação sensível e intencional. Quando conduzida de maneira mecânica ou descontextualizada, a leitura tende a perder seu potencial terapêutico e formativo, reduzindo-se a um exercício técnico. Assim, cabe ao psicólogo escolar compreender a leitura como um recurso complementar de intervenção, capaz de estimular o autoconhecimento, a reflexão e a escuta de si e do outro. Além disso, a participação ativa dos estudantes é essencial para que a leitura se torne uma experiência significativa, capaz de promover reflexões e mudanças no cotidiano. Assim, a efetividade da biblioterapia ou dos clubes de leitura dependem não apenas da escolha adequada dos textos e da mediação sensível do profissional, mas também do engajamento coletivo da escola, na construção de um ambiente que valorize a leitura como um instrumento de saúde, aprendizagem e transformação humana.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O presente trabalho, desenvolvido por meio de uma revisão narrativa de literatura, permitiu compreender sobre os desafios que envolvem a prática da leitura no contexto escolar e quais são os benefícios da que a envolvem para o desenvolvimento das competências socioemocionais e para promoção bem-estar no contexto escolar. A escolha por uma revisão bibliográfica mostrou-se pertinente diante da necessidade de reunir diferentes perspectivas teóricas e empíricas que dialogam com o tema, mas também evidenciou escassez de produções científicas que articulem diretamente a leitura e a psicologia escolar, especialmente no que diz respeito ao uso como recurso

de cuidado emocional. Essa falta demonstra não apenas a pouca apropriação da leitura enquanto instrumento psicológico, mas também a necessidade de avanços teóricos e metodológicos que aprofundem a compreensão sobre seu potencial transformador no cotidiano escolar.

Ao explorar sobre os desafios relacionados à adesão a leitura no país, vincula-se a desigualdades socioeconômicas, ausências de biblioteca escolares, escassez de políticas consistentes e desvalorização cultural da leitura. O ato de ler não depende apenas da vontade individual, mas das condições sociais, territoriais e institucionais que moldam tanto a relação dos estudantes com a leitura quanto as oportunidades educacionais às quais eles têm acesso, influenciada por contextos familiares, institucionais e territoriais. Dessa forma, baseada na 6ª edição da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil (2024) que exibe números sobre a temática, podemos refletir também sobre o nível desses desafios na sociedade. Assim, compreender tais entraves é fundamental para que qualquer intervenção mediada pela leitura seja realista e efetiva, sobretudo quando conduzida pelo psicólogo escolar.

Quando se pensa nos benefícios da leitura, embora existam poucos estudos encontrados que a relacionam de forma explícita com o desenvolvimento de competências socioemocionais, há forte convergência teórica entre ambas as áreas. A literatura consultada aponta que a leitura estimula empatia, autorregulação emocional, reflexão crítica e compreensão da própria subjetividade, dimensões diretamente ligadas ao desenvolvimento integral, com as competências socioemocionais propostas pela BNCC (2018). Ainda que os estudos sejam escassos, é possível identificar relações consistentes que justificam o uso intencional da leitura como instrumento de fortalecimento subjetivo e socioemocional no ambiente escolar.

O estudo aprofundou-se na biblioterapia e outras práticas, evidenciando seus benefícios para promoção da saúde mental, como a redução do estresse, a elaboração simbólica de experiências, a ampliação do autoconhecimento e o fortalecimento da autonomia. Contudo, notou-se a escassez de estudos que descrevam sua aplicação em escolas brasileiras, além da baixa institucionalização dessa prática no cotidiano escolar. Observou-se também que, embora a leitura possua potencial terapêutico, sua implementação exige mediação qualificada, sensibilidade ética e colaboração interdisciplinar entre psicólogos e educadores, que ainda pode ser desafiador em alguns contextos.

Dessa forma, pode-se concluir que a leitura, quando utilizada de maneira intencional e sensível, possui potencial significativo para contribuir com o desenvolvimento cognitivo, emocional e social dos estudantes, fortalecendo elementos essenciais para sua formação integral. No entanto, as análises também mostram que essa potencialidade ainda não tem sido plenamente explorada no ambiente escolar, tanto pela falta de políticas estruturantes quanto pela escassez de estudos acadêmicos que orientem sua aplicação prática com a psicologia.

Por fim, por se tratar de uma pesquisa bibliográfica, este trabalho abre caminho para novas investigações que possam aprofundar a compreensão sobre o uso da leitura

de forma prática como ferramenta de intervenção na Psicologia Escolar. Considera-se que há espaço para estudos futuros que explorem, na prática, como a biblioterapia e outras estratégias de leitura mediada podem ser incorporadas às ações de promoção de saúde mental e bem-estar nas escolas, contribuindo para a construção de ambientes educativos mais humanizados, inclusivos e emocionalmente acolhedores. Assim, este trabalho se apresenta como um ponto inicial, que evidência tanto o potencial transformador da leitura quanto as lacunas que precisam ser superadas para que ela ocupe, de fato, um lugar de destaque na formação dos estudantes e seja valorizada.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Ana Cristina; ZULUETA, Maria Angeles; HENRIQUES, Anabela. Biblioterapia: estado da questão. *Cadernos BAD Portugal*, v., n., 1/2, 2013, p. 96-111. Disponível em: <https://brapci.inf.br/v/82157>. Acesso em: 09 nov. 2025.

AÇÃO EDUCATIVA; INSTITUTO PAULO MONTENEGRO; CONHECIMENTO SOCIAL ESTRATÉGIA E GESTÃO. *INAF 2024: Legado e Futuro do Alfabetismo Funcional*. São Paulo: Ação Educativa; Instituto Paulo Montenegro; Conhecimento Social, 2024. Disponível em: <https://alfabetismofuncional.org.br/dados-inaf-2024.pdf>. Acesso em: 17 jun. 2025.

AHMAD, Mousa Numan. Narrative Literature Reviews in Scientific Research: Pros and Cons. *Jordan Journal of Agricultural Sciences*, v. 21, n. 1, p. 1-4, 2025. Disponível em: <https://journals.ju.edu.jo/index.php/jjas/article/view/4143>. Acesso em: 27 oct. 2025.

ALVES, Maria Teresa Gonzaga; SOARES, José Francisco. *AS PESQUISAS SOBRE O EFEITO DAS ESCOLAS: contribuições metodológicas para a Sociologia da Educação*. Sociedade e Estado, Brasília, v. 22, n. 2, p. 435–473, 2007. Disponível em: [scielo.br/j/se/a/QMdCCQdL99RZrZpT9mxbkrM/?format=pdf&lang=pt](https://scielo.br/j/se/a/QMdCCQdL99RZrZpT9mxbkrM/?format=pdf&lang=pt). Acesso em: 17 nov. 2025.

ANTUNES, Irandé. *Língua, texto e ensino: outra escola possível*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: Guanabara, 2 ed, 1986.

ATRICON, Associação dos membros dos tribunais de contas do Brasil. *Bibliotecas nas Escolas Públicas do Brasil: dados do Censo Escolar 2022*. Brasília: ATRICON, 2024. Disponível em: [https://atrimon.org.br/wp-content/uploads/2024/02/Bibliotecas\\_Escolas\\_Publicas.pdf](https://atrimon.org.br/wp-content/uploads/2024/02/Bibliotecas_Escolas_Publicas.pdf). Acesso em: 10 nov. 2025.

AZEVEDO, Mabel Lopes de. Biblioterapia: a leitura como um recurso terapêutico para o bem-estar e a aprendizagem. *Conpepe - Anais do Congresso de Educação*,

Interdisciplinaridade e... (CEEINTER), v. 3, n.2, p.1-4, 2025. Disponível em: <https://revistas.ceeinter.com.br/anaisconpepe/article/view/2130>. Acesso em: 11 nov. 2025.

BARTHES, Roland. O prazer do texto precedido de variações sobre a escrita. Lisboa: Edições 70. 2009.  
barTHes, roland – O Prazer do Texto precedido de Variações sobre a escrita. Lisboa: edições 70, 2009. isbn 9789724413754.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: [https://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_-versaofinal\\_s\\_ite.pdf](https://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_-versaofinal_s_ite.pdf). Acesso em: 04 nov. 2025.

BRASIL. Lei nº 13.935, de 11 de dezembro de 2019. Dispõe sobre a prestação de serviços de psicologia e de serviço social nas redes públicas de educação básica. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 12 dez. 2019. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2019-2022/2019/Lei/L13935.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2019-2022/2019/Lei/L13935.htm). Acesso em: 26 abr 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: introdução aos Parâmetros Curriculares Nacionais*. Brasília: MEC/SEF, 1997. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro01.pdf>. Acesso em: 01 jun 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. *Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil: Introdução*. Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/rcnei\\_vol1.pdf](http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/rcnei_vol1.pdf). Acesso em: 1 jun. 2025.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Política Nacional de Promoção da Saúde: PNPS: Anexo I da Portaria de Consolidação nº 2, de 28 de setembro de 2017, que consolida as normas sobre as políticas nacionais de saúde do SUS/ Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde. – Brasília: Ministério da Saúde, 2018. Disponível em: [https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica\\_nacional\\_promocao\\_saude.pdf](https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_promocao_saude.pdf). Acesso em: 11 nov. 2025.

CARNEIRO, Teresa Magalhães de Araújo; PINHO, Alexandra Moreno. Competências socioemocionais na base nacional comum curricular (BNCC). **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, [S. l.], v. 11, n. 2, p. 458–480, 2025. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/18039>. Acesso em: 2 nov. 2025.

CORDEIRO, Alexander Magno et al. Revisão sistemática: uma revisão narrativa. *Comunicação Científica*. Revista do Colégio Brasileiro de Cirurgiões, v. 34, n. 6,

2007. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rcbc/a/CC6NRNtP3dKLgLPwcmV6Gf/?format=html&lang=pt>.

Acesso em: 27 out. 2025.

FERNANDES, Geuciane Felipe Guerim; OLIVEIRA, Katya Luciane de. Práticas de leitura na infância: O que pensam as crianças? *Revista Diálogo Educacional*, Curitiba, v. 23, p. 279-296, jan-mar 2023. Disponível em:

<https://periodicos.pucpr.br/dialogoeducacional/article/view/29212/26041>. Acesso em: 17 jun 2025.

FREIRE, José Célio. Literatura e psicologia: a constituição subjetiva por meio da leitura como experiência. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, v. 60, n. 2, 2008. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/2290/229017549001.pdf>. Acesso em: 02 jun 2025.

FREIRE, Neyson Pinheiro; LOURENÇÃO, Luciano Garcia. Menos Face, mais Books: a importância da leitura para a saúde mental dos adolescentes. *Ciência e Saúde Coletiva*, v. 29, n. 9, 2024. Disponível em:

[https://www.scielo.br/j/csc/a/jwrbb4DbvDNtHzmbP7XBJNt/?lang=pt&utm\\_source=chatgpt.com](https://www.scielo.br/j/csc/a/jwrbb4DbvDNtHzmbP7XBJNt/?lang=pt&utm_source=chatgpt.com). Acesso em: 24 abr. 2025.

FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler: em três artigos que se complementam. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 23 ed., 1989.

GIL, Antonio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. 6 ed. São Paulo: Atlas. 2008.

INSTITUTO PRÓ-LIVRO. Apresentação: Retratos da leitura no Brasil. 6ª edição. São Paulo: Instituto Pró-Livro; Ipec, 2024. Disponível em: <https://www.prolivro.org.br>. Acesso em: 03 abr 2025.

LARROSA, Jorge. La experiencia de la lectura. Barcelona: Laertes, 1998.

LIBÂNIO, José Carlos. O dualismo perverso da escola pública brasileira: escola do conhecimento para os ricos, escola do acolhimento social para os pobres. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 38, n. 1, p. 13-28, jan./mar. 2012. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/ep/a/YkhJTPw545x8jwpGFsXT3Ct/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 15 jun 2025.

MARACAÍPE, Cristiane Oliveira Carvalho; QUEIROZ, Ingrid Batista; ANDERI, Eliane Gonçalves Costa. A Escola e a Formação do Leitor. abr. 2020. Disponível em:

<http://www.vedipe.blessdesign.com.br/pdf/gt09/poster%20grafica/Cristiane%20Oliveira%20Carvalho%20Maracaípe.pdf> . Acesso em: 08 set. 2025.

MARQUES, Lara Maria Aquino; SIVA, Keli Alves da; CUNHA, Joana D'arc Tavares da. A LITERATURA INFANTIL NO CONTEXTO ESCOLAR: O PAPEL DA LEITURA E DA FANTASIA NO DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA. *Revista Brasileira de Alfabetização*, n. 23, p. 1-13, 2025. Disponível em:

<https://www.revistaabalf.com.br/index.html/index.php/rabalf/article/view/875>. Acesso em: 11 jun. 2025.

MARTINS, Hermelinda Peixoto Pereira; et al. Leitura e bem-estar: o papel dos clubes de leitura na saúde mental. *Revista Sociedade Científica*, v.7, n. 1, p. 4560-4565, 2024. Disponível em: <https://revista.scientificsociety.net/wp-content/uploads/2024/10/Art.268-2024.pdf>. Acesso em: 13 nov. 2025.

MARTINS, Edson; SPECHELA, Luana Cristine. A importância do letramento na alfabetização. *Ensaio Pedagógico*. Revista eletrônica do Curso de Pedagogia das Faculdades OPET, Curitiba, n. 3, p. 1-11, jul. 2012. Disponível em: <https://www.opet.com.br/faculdade/revista-pedagogia/pdf/n3/6%20ARTIGO%20LUANA.pdf>. Acesso em: 17 jun 2025.

MENDES, Rosa Maria Bandeira Paixão. A literatura e a biblioterapia para crianças com problemas de aprendizagem. 2008. 135 f. Dissertação de Mestrado em Educação e Bibliotecas. Universidade Portucalense, Porto, 2008. Disponível em: <https://repositorio.upt.pt/server/api/core/bitstreams/8f46dfa5-5c0e-45d5-9865-33ee83ba3151/content>. Acesso em> 25 nov. 2025.

MORAES, Joysi; MENEZES, Daniel Teixeira de; DIAS, Bruno Francisco Batista. Uma Análise Contextualizada dos Resultados das Escolas Públicas Brasileiras. Meta: Avaliação, Rio de Janeiro, v. 11, n. 31, p. 67-96, jan./abr. 2019. Disponível em: [4af6ffce9b18b625fa94f0e4bae03c1b11ce-libre.pdf](https://repositorio.upt.pt/server/api/core/bitstreams/8f46dfa5-5c0e-45d5-9865-33ee83ba3151/content). Acesso em: 17 nov. 2025.

PADERK, Jean A. *Using Books in Clinial Social Work Practice*. New York: The Haworth Press, 1998.

PEDROSA, Beatriz Furtunato; MOREIRA, Felipe Figueiredo Alves; ANDRADE, Gabriella Carolina Cunha de. Biblioterapia e psicologia clínica: como a leitura pode ser terapêutica. 2023. 12 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) – Centro Universitário Una Betim da rede Anima Educação, 2023. Disponível em: <https://repositorio-api.animaeducacao.com.br/server/api/core/bitstreams/9d91c751-4c83-4e9f-948d-7ed7c51cab9c/content>. Acesso em: 9 nov. 2025.

ROTHER, Edna Terezinha. Editorial Revisão Sistemática x Revisão Narrativa. *Acta Paul Enferm.* v. 20, n.2, abr. - jun., 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ape/a/z7zZ4Z4GwYV6FR7S9FHTByr/?lang=pt> . Acesso em: 31 ago 2025.

VYGOTSKI, L. S. *A formação social da mente*. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

WALLON, Henri. *A evolução psicológica da criança*. Edições 70. 1968.

ZACARIAS, Ezequiel de Souza; PASSOS, Edimildo de Jesus Barroso. A importância da leitura para o desenvolvimento intelectual e social do indivíduo. 2017. 18 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português e Inglês) – Universidade Federal do Amazonas, 2017. Disponível em: <https://edoc.ufam.edu.br/bitstream/123456789/2561/104/TCC-Letras-2017-Arquivo.009.pdf?form=MG0AV3>. Acesso em: 20 abr. 2025.